

TUFOS CALCÁRIOS QUATERNÁRIOS DE SANTIAGO DO CACÉM

Durante levantamentos realizados na região de Santiago do Cacém, destinados à elaboração da Carta Geológica na escala 1/50 000, foi assinalada (1) a presença de tufos calcários quaternários (2).

As rochas indicadas formam afloramento reduzido (cerca de 300 m × 200 m), localizado em Fonte da Telha de Cima, a 1 km do vértice geodésico de Cabeça Gorda, o qual se situa cerca de 3 km a NW de Santiago do Cacém.

Os tufos calcários referidos encontram-se à altitude de 85 a 90 m e formam bancadas horizontais que assentam em parte sobre o complexo de arenitos argilosos plioplistocénicos (fig. 1). A espessura dos tufos, observável na vertente virada a oeste, não ultrapassa os 5 a 6 metros. Em parte estão capeados por areias superficiais pouco coerentes, comuns na região, que resultam separada ou simultaneamente de antigas dunas arrasadas, de terraços marinhos desmantelados e de arenitos argilosos lavados e retomados.

Os tufos calcários da Fonte da Telha de Cima são rochas esbranquiçadas e acinzentadas, frequentemente porosas, por vezes assaz compactas.

Em muitos locais foram atingidas por silicificação, o que lhes conferiu maior compactidade e dureza.

A composição destas rochas é definida essencialmente por fracção carbonatada (99,2 p. 100), acompanhada por escasso resíduo insolúvel

(1) Trabalho realizado ao abrigo do projecto de investigação científica LMG-1, suportado pelo Instituto de Alta Cultura, Centro de Estudos de Geologia, Faculdade de Ciências, Lisboa.

(2) Pelos colectores dos Serviços Geológicos de Portugal, P. Carreira de Deus e J. Oliveira.

no ácido clorídrico (0,8 p. 100). Este é formado sobretudo por matéria betuminosa e elementos siltítico-argilosos em tão pequena quantidade que não foram isolados.

A lâmina delgada revela rocha carbonatada criptocristalina com penetração criptochértica intensa nas zonas silicificadas. Muito irregularmente encontram-se núcleos de recristalização e formação de calcite secundária rodeando microgeodes. Aqui e ali, encontra-se algum material siltítico de esfericidade e rolamento muito baixos; o quartzo e microquartzito são os elementos componentes.

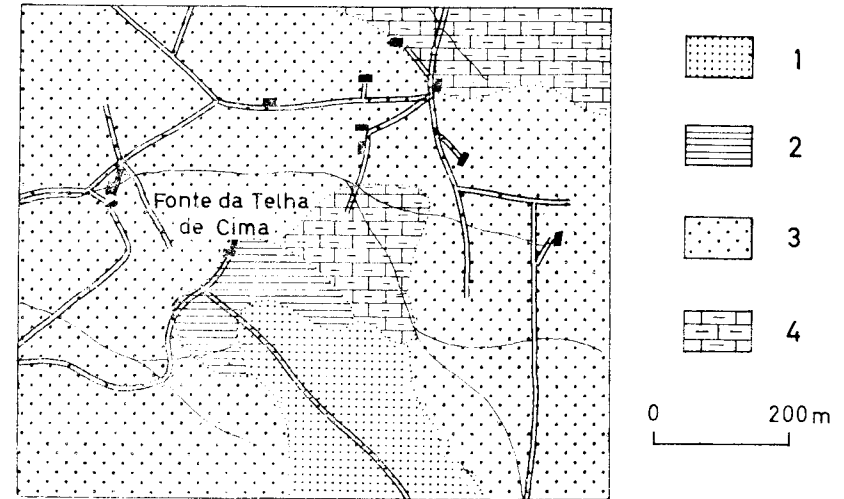


Fig. 1 — Esboço geológico da região de Fonte da Telha de Cima; 1 — Areias superficiais (Moderno); 2 — tufo calcário (Pleistocénico); 3 — arenitos argilosos (Plioplistocénico); 4 — calcários margosos (Liássico).

Em amostra de mão não se encontraram indicações da presença de organismos; em lâmina delgada observam-se vestígios de estruturas, embora de identificação impossível.

Os tufos calcários da Fonte da Telha de Cima são, pois, calcaritos afânicos micríticos.

Estas rochas correspondem, certamente, a pequeno episódio lacustre estabelecido em relação com uma aplanção (a 80-90 m) que nivelou os arenitos plioplistocénicos, pondo a descoberto, aqui e acolá, afloramentos de calcários do substrato mesozóico. Num destes locais, as águas ricas de carbonato de cálcio ficaram retidas, muito provavelmente em regime palustre; a concentração de sais nestas águas estaria em relação com a circulação em relevos situados a montante, onde predominam rochas calcárias, como é o caso dos situados 1 km a leste.

Não deve ter sido alheia à precipitação destes calcários a acção de organismos vegetais, tais como bactérias, algas verdes e plantas superiores aquáticas; todavia, as lâminas delgadas apenas revelam vestígios de estruturas inidentificáveis.

A silicificação é, por certo, pós-genética, resultante de penetração de águas ricas de sílica.

Entre as ocorrências deste tipo de rochas no território metropolitano, a mais importante é, sem dúvida, a que se refere aos tufos calcários da região de Condeixa, dispostos escalonadamente em vários níveis, o mais alto dos quais se situa entre 90 e 100 m de altitude (CHOFFAT, 1895). Rochas afins destas foram descritas petrograficamente por C. ROMARIZ (1960), provenientes de Ponte da Ega e Paleão, na região de Soure, e que correspondem, afinal, a prolongamentos para SW, dos tufos de Condeixa. Também petrograficamente, foram descritas por GALOPIM DE CARVALHO (1968) rochas semelhantes da região de Cano e Casa Branca (Sousel), anteriormente assinaladas por ROMAN (1917) e admitidas, por este, como Quaternário recente, mas que aquele atribui ao Quaternário antigo.

Referências aos aspectos de silicificação e de impregnação betuminosa das rochas de Soure e de Cano foram feitas pelos autores citados a propósito da caracterização petrográfica.

Outras ocorrências de tufos calcários foram referidos em Pernes, por ROMAN e TORRES (1907), e em Ferreira do Alentejo, pelo primeiro destes autores, em 1917, que os atribuíram ao Quaternário recente. G. ZBYSZEWSKI (1958) considera-os do Quaternário antigo e, portanto, mais próximos no tempo dos de Cano.

No que se refere aos tufos da região de Santiago do Cacém, agora assinalados, a idade de Quaternário antigo parece corresponder também à cronologia mais admissível.

A. M. GALOPIM DE CARVALHO E C. ROMARIZ

BIBLIOGRAFIA

- CARVALHO, A. M. GALOPIM DE (1968) — «Contribuição para o conhecimento geológico da bacia terciária do Tejo». *Mem. Serv. Geol. Portugal*, N. S. n.º 15, 210 pp.
- CHOFFAT, P. (1895) — «Note sur les tufs de Condeixa et la découverte de l'Hippopotame en Portugal». *Com. Dir. Trab. Geol. Portugal*, vol. 3, pp. 1-12.
- ROMAN, F. e TORRES, A. (1907) — «Le Néogène continental de la basse vallée du Tage». *Comiss. Serv. Geol. Portugal*, 108 pp.
- ROMAN, F. (1917) — «Nouvelles observations sur les faunes tertiaires et quaternaires de la basse vallée du Tage». *Com. Serv. Geol. Portugal*, vol. 12, pp. 70-101.
- ROMARIZ, C. (1960) — «Estudo geológico e petrográfico da área tifónica de Soure». *Com. Serv. Geol. Portugal*, vol. 13, pp. 3-228.